
Perus não voam ¹

Mario M. González
para Maria Guerreiro

1

A escolinha era de pedra. Fora construída pelos vizinhos que viviam nos arredores da fazenda para que as crianças pudessem estudar. Antes disso, o dono da fazenda havia feito contatos na capital, que levaram a que o governo designasse uma professora primária.

Pedra era o que não faltava por lá. O assunto foi trabalhar em mutirão. Uns poucos meses depois, lá estava a escolinha em pé, com um salão para as aulas e moradia para a professora: cozinha, banheiro, um quarto, uma galeria na entrada e o lavadeiro atrás.

Só isso. Água, era preciso ir buscá-la num dos córregos que se encontravam num dos cantos do terreno da escola, cedido pelo fazendeiro. Nem luz elétrica, nem nada mais. Apenas uma escola.

A mocinha era valente. Dezoito anos, apenas terminados os estudos, aceitou o cargo. Chegar lá desde o povoado onde ela nascera e estudara tinha que ser a cavalo, pela trilha que atravessava a serra, cinquenta quilômetros ao todo. Um peão da fazenda foi buscá-la a cavalo, levando um outro para que ela montasse. E a levaria e traria cada vez que ela tivesse férias, até que, com o passar do tempo, houve um caminho e uma perua que ia e voltava duas vezes por semana e que fazia ponto no armazém próximo da escola, único lugar onde era possível comprar alguma coisa e onde aos domingos se reuniam os peões da fazenda.

O salão das aulas tinha três lousas. Duas de um lado e uma do outro. Em frente a cada uma, duas fileiras de carteiras duplas. Em cada grupo de fileiras, os alunos de cada série: primeira, segunda e terceira. E a mocinha-professora tinha que se virar para dar aulas para as três séries ao mesmo tempo.

- Que classe de animal é esse? perguntou. A ver, quem sabe? Você Julián.
- É uma ave, professora. Tem penas e bico e põe ovos. É um peru, professora. Na minha casa a gente cria perus porque muitas pessoas gostam de comer um peru no Natal.

¹ Este conto é produto da leitura do segmento em itálico da página 2 e que pertence, com variações, a um texto do mesmo título encontrado numa gravação, na Internet, no dia 14/11/09 por Maria Guerreiro, de Buenos Aires. O mesmo texto está por escrito no [site www.actosdeamor.com](http://www.actosdeamor.com), enviado por Geles, e também apareceu, com variações, publicado por Benjamín Galván Gómez no jornal *Primera Hora*, de Nuevo Laredo, México, no dia 20/11/09. O autor agradece as sugestões que a leitura do texto produziu e as posteriores de Maria Guerreiro.

-
- É uma ave voadora?
- Não, professora! Perus não voam. Nem as galinhas. Essas também a gente come.
- E quais aves são voadoras? A ver, por exemplo...
- Ah, sim, as pombas, os patos selvagens... Mas para comer esses a gente tem que caçá-los.
- E este?
- Esse, eu não sei. Tem asas muito grandes...
- É um condor. Vocês nunca viram um porque eles voam muito alto, lá na cordilheira. Um dia, se tivermos sorte, talvez possamos ver algum que se aventure por estes lados. Ah, Julián! Os condores a gente não come.
- A mocinha-professora deixou as crianças da segunda série copiando os nomes e a classificação das aves. Tinha que correr até a outra ponta do salão, onde as da primeira série aproveitavam para fazer a sua farra.
- Crianças! A ver! Você, Marcela, vamos ver se ficam sentados. E agora, abram o livro de leitura na página sete.

2

O camponês Benítez encontrou no campo um ovo muito grande. Ele jamais havia visto algo semelhante. Decidiu levá-lo à sua casa.

- *Será que é de avestruz ?, perguntou a mulher.*
- *Não, não, é grande demais, disse o avô.*
- *E se a gente quebrar ele?, propôs o afilhado.*
- *Seria uma pena. Nunca iríamos saber a que pássaro pertence, respondeu a avó.*
- *Vejam vocês, na dúvida, vou colocá-lo embaixo da perua que está chocando. Talvez um dia nasça algo, disse o Benítez.*

E assim fez.

Perto de vinte dias depois, nasceu um peruzinho escuro, grande, nervoso. Mas aconteceu uma coisa esquisita: o peruzinho não comia.

Preocupada, a perua lhe disse:

- *Você tem que comer! Se não, você vai morrer de fome...!*
- *É, sim, disse o peruzinho. – Mas eu gosto é de voar e de procurar minha comida; não de ser servido. Vamos voar!*
- *Olha aí, você: perus não voam. Assim que vê se come e engorda, que é para isso que nos alimentam. Além disso, tenta sair voando por aí. Na primeira oportunidade alguém te dá uma estilingada.*

Uma noite, depois da janta que o peruzinho nem quis experimentar, os seus irmãos lhe perguntaram:

- *Diga, como é isso de voar e buscar a comida?*

E o peruzinho:

– Vocês venham comigo amanhã bem cedo e vão ver.

O sol estava quase saindo quando o peruzinho e os seus irmãos saíram por um buraco do curral. Chegaram num ponto mais alto, de onde dava para ver a planície e, lá no fundo, as montanhas.

– Se vocês abrirem as asas e planarem, o vento vai levantar vocês. Depois, mexam as asas, subam e voltem a planar. Vocês querem ver?

E o peruzinho se jogou de lá de cima, voou, subiu, desceu e pousou do lado dos irmãos.

– Vamos voar?

Então, um a um, os peruzinhos se deixaram cair, abriram as asas, levantaram vôo e começaram a fazer círculos e mais círculos no ar...

Benítez e sua família nunca souberam o que aconteceu. Até o peru e a perua mais velhos sumiram depois. E eles ficaram sem perus para vender e comer.

– Você vai ver que saíram voando, disse a mulher.

– Mas como assim, voando? respondeu o camponês. – Perus não voam.

Essa noite, o Benítez teve um sonho: um bando de perus voava sobre a cordilheira dos Andes. No meio deles ia um condor.

3

O afilhado do Benítez, um rapagão de uns dezoito anos, nunca contou. Iriam dizer que estava louco. Mas aconteceu que na madrugada da fuga dos peruzinhos ele estava acordado. Fazia calor. Pela janela aberta ele viu os perus passando. E, depois, viu eles de longe ensaiando os primeiros voos e, finalmente, sumindo rumo da cordilheira. Mas calou. Vivia de favor com seu padrinho depois de ter ficado órfão. Trabalhava para ela de sol a sol no que fosse, na terra arrendada pelo padrinho, na enorme fazenda na solidão de Catamarca.

Também não contou outra história. Um dia, teve que ir ao matagal atrás de um bezerro que sumira. Estava nisso quando encontrou sentada, à beira do córrego, a Marcela, a filha única do dono da fazenda. Linda! Por volta dos quinze anos. Os olhos dele abriram-se na surpresa. Os dela, no susto.

– Não tenha medo, moça. Sou o Julián, o afilhado do seu Benítez, para servir a senhora.

– É claro que eu sei quem você é! Você já nem se lembra. Mas eu já estava indo. Saí dar uma volta com o alazão e parei aqui para que ele descansasse. E não me trate desse jeito, como se eu fosse uma velha.

Isso foi da primeira vez. Depois, os encontros começaram a se repetir, cada vez menos casualmente. E cada vez com mais frequência.

– Vou dizer ao padrinho para falar com seu pai. O que você acha?

– Ele vai matá-lo. E depois a você. Quanto a mim, se não me matar vai me trancafiar até encontrar um ricaço que me queira e de quem ele goste. Não tem jeito, Julián.

Depois do sumiço dos peruzinhos e dos perus mais velhos, o Julián começou a ruminar uma ideia.

– Fugir? Mas, como?, disse ela. Só se soubéssemos voar.

– Eu mostro para você. É bem seguro. Nunca irão nos encontrar. E vamos ser felizes juntos, como você quer, como eu quero. Amanhã, antes de o sol sair. Me espere pronta.

No dia seguinte, o Benítez foi chamar o afilhado dorminhoco. No quarto dele não havia ninguém. No curral estava faltando um cavalo.

Na fazenda foi um deus-nos-acuda. Onde será que ela foi? Alguém a levou, com certeza. Saiu a cavalo, porque está faltando o alazão com a sela. Vai saber com quem é que ela está metida!

A coisa ficou bem pior quando se soube que o afilhado do Benítez também sumira. E saíram a procurá-los, matagal adentro, por todos os caminhos. Mas nada. Longe daí, na planície, um camponês encontrou dois cavalos encilhados. E mais nada. Reconheceu os donos dos animais pelas marcas. E os trouxe de volta.

– Só se saíram voando, disse a mulher.

– Voando! Não fale bobagens! Voando! Olha lá!

4

Você está louco, Miguel, dizia o e-mail do professor Anchorena. Como pensa que vou ficar eu? Ponho todo o meu prestígio para solicitar à universidade uma bolsa para seu doutoramento sobre as possibilidades de hidrocarbonetos em Catamarca e você me vem agora com isso de querer pesquisar as possibilidades de migração de pavões em Salta...!

O que você bebeu nesse “trem às nuvens?”, sem dúvida, foi uma garrafa de torrontés ou alguma coisa pior. Diz-me que desceu na parada do trem no viaduto La Polvorilla, a 4.200 metros, pelo lado errado da composição, que pegou uma trilha na montanha e que foi dar numa espécie de oásis. Oásis? Na cordilheira dos Andes? Deixe de brincar, por favor! Pior ainda: diz você que no oásis havia um casal de pavões fazendo amor... De onde você tirou isso? Primeiro: pavões só existem nos parques das cidades elegantes, como Viena, ou em alguns zoológicos. Ninguém os viu soltos em outro lugar, que eu saiba, a não ser na Índia, talvez, se é que ainda têm pavões por lá.

Segundo: nenhum pavão voa; e muito menos a 4.200 metros. Numa dessas você teve a sorte de ver um par de condores e, bêbado como estaria, os confundiu com pavões. O que é pior é que você foi capaz de escrever isso do hotel, em Salta, onde se supõe que o efeito do torrонтés ou o que fosse já teria se dissipado. Quem lhe mandou aproveitar o feriado longo e sair por aí, quem sabe como, ir até Salta, subir nesse trem e se embriagar; porque não há dúvida de que você se embriagou.

Olhe, vou dizer: os cordobeses que nem você nem merecem que a gente os apoie. Vivem fazendo o que a gente menos espera e querendo que a gente os leve a sério. Espero que você já esteja de volta em Catamarca, tenha esquecido essa aventura e os seus delírios e comece a recolher dados para sua tese sobre os hidrocarbonetos. Além do mais, se você provasse isso dos pavões no oásis da cordilheira... Mas também isso: perdeu todas as fotos, depois, manipulando errado sua câmera! Espero que não perca da mesma maneira os vestígios de hidrocarbonetos em Catamarca, que são a base da sua tese. Veja, por favor: deixe de bobagens, se você quer chegar a ser alguém.guardo suas notícias.

Essa noite, Anchorena não conseguia dormir. Sentiu um monte de pavões voando em sua volta e depois cada vez mais alto, acima da cordilheira dos Andes. E esse cordobês, o Miguel, desse jeito jamais irá escrever a tese. E ele, como ficaria? Como explicar na universidade que seu orientando havia visto um casal de pavões fazendo amor, muito felizes, a 4.200 metros, e queria mudar o tema da tese? Na falta de bibliografia mais à mão, ligou o computador e entrou na Wikipédia. Lá leu: “Foi documentado o voo deles sobre o oceano para irem fazer ninho perto da costa de Java e em ilhas de grandes lagos em Yunnan. Algumas dessas ilhas ficam a mais de quinze milhas da costa”. Ou seja, é possível que voassem. Mas, a 4.200 metros?

No dia seguinte, assim que acordou, Anchorena voltou à Wikipédia. Com o que encontrou lá, decidiu mandar um novo recado ao seu orientando.

Miguel, por favor, desista dessa loucura. Não voe! Entendeu? Veja o que se sabe desses bichos: “Na realidade, trata-se de uma ave bem interessante, já que aqueles que foram domesticados são bastante bobos; mas os que se criam selvagens e sobrevivem são muito malandros. Andam em grupos, mas podem andar sós. Normalmente caminham mas podem voar e, embora habitualmente voem distâncias curtas, têm um voo forte”. Acho que você deve ter alguma coisa de pavão (se não é apenas um peru) que foi domesticado e virou tão bobo que quer trocar uma tese de doutorado sobre os hidrocarbonetos por essa palhaçada do voo dos pavões sobre a cordilheira dos Andes... Parece-me que a solidão de Catamarca e o torrонтés de Salta se juntaram. E seu voo científico é curtinho como o dos pavões. Não seja tolo, Miguel!

Você tem 48 horas para escrever-me dizendo que se embebedou e que já desistiu dessa enorme bobagem.

5

Miguel não se conformava. Recebeu os dois recados do Anchorena e ficou gelado. Assim que ele não era nada além de um peru? Só existia uma saída.

Na sexta-feira seguinte pegou o ônibus para Salta. Chegou lá de madrugada, ainda a tempo de pegar o “trem às nuvens”. Oito horas subindo, dos 1.200 metros de Salta até os 4.200 metros de La Polvorilla. Os vagões cheios de turistas enlouquecidos com a aventura mecânica, incapazes de ver a paisagem fantástica, as montanhas se desnudando com a altura; ou de sentir o drama dos que sobrevivem nesses desertos como podem, descendentes dos indígenas antes donos de um império e que agora só sabem oferecer seu artesanato sem dizer nada, olhando apenas com esse olhar cheio de medo, parado no tempo que parecem não ver passar. O trem chegou lá em cima e o Miguel desceu pelo lado contrário, como da outra vez. Tomara o cuidado de não beber nada durante a viagem, a não ser água. Encontrou a trilha. Pegou a câmera, disposto a repetir as fotos que perdera. Andou, andou... e nada: nem oásis, nem pavões, nada.

Voltou de cabeça baixa, derrotado. Anchorena tinha razão. Ele era um peru. Nada de “voar”. Passou do outro lado do trem, onde os turistas se amontoavam junto dos vendedores de artesanato e tiravam fotos para poder dizer na volta: “Viu? Eu estive lá, você não”.

Sem saber onde se enfiar, dedicou-se a olhar os outros, enquanto pensava nessa sua derrota. De repente, viu-se acompanhando os movimentos de uma moça, vestida como mochileira típica mas empunhando uma Canon último tipo e tirando fotos. Mas tirando fotos diferentes: o detalhe, ângulos variados, trabalhando cada enfoque, nada convencional. Acercou-se quando ela insistia em tirar a foto em close de um lhama lá levada para que os turistas pagassem para saírem nas fotos abraçados ao bicho.

De repente, ouviu-se a si mesmo perguntando: De onde você vem? A resposta chegou envolvida num sorriso inesperado: Do Brasil. E você? De Córdoba, disse ele. Rosalie falava melhor em português, mas se entenderam. De golpe, ela apontou a câmera para cima e levou o zoom ao máximo.

– Olha! O que são esses?

O Miguel já os vira várias vezes em Catamarca, mas agora voavam tão baixo, pareciam tão enormes e próximos que ele sentiu um suor frio descendo pelas costas.

– São condores. Você nunca viu?

– Não, nunca.

A câmera da Rosalie não parava. E o Miguel percebeu que ninguém mais parecia ter visto os dois pássaros gigantes, voando a menos de cem metros das suas cabeças.

– Olha, o trem vai sair. Estão chamando. Tchau!

– Tchau, Miguel!

O trem saiu de marcha a ré até chegar em San Antonio de los Cobres, não muito longe, onde parou de novo para que a locomotiva pudesse manobrar e se colocar na outra ponta. Miguel desceu. Pensava em como seria viver nessa solidão, onde parece que só pode se fazer uma coisa: continuar tirando minério das montanhas. E olhava esse olhar doído, perdido, como de quem pede perdão por existir... De repente, viu a Rosalie ao seu lado, tirando fotos desse olhar. Ola! Ola! Que triste, não? Sim, é claro. De uma hora para outra, Miguel passou a contar a história da colonização espanhola por essas bandas. O assunto encantou a Rosalie. Então, o Miguel pensou: amanhã é domingo. Ele já havia planejado ficar mais um dia em Salta. Mas, almoçar sozinho, depois do fiasco dessa tarde...

– Rosalie, você não quer almoçar comigo, amanhã?

– Sim, por que não?

– Ao meio-dia, na porta da catedral?

– Isso, ao meio-dia.

6

O Miguel lhe contou a história do seu doutorado e, depois de uma garrafa de torrontés, animou-se a falar dos pavões. Para sua surpresa, ela ouviu o assunto com muita naturalidade.

– É claro, disse. – Você teria que pesquisar isso. Se aqui não te permitem isso, numa dessas, você topa ir ao Brasil. Lá tem pássaros de todo tipo e poderão te deixar estudar os perus, os pavões.

– Quem sabe... Seria um pulo muito grande, da engenharia para a biologia. Já viu?

– Bom, dizem que os perus não voam, mas você não é um peru.

– E quem disse que os perus não voam. Talvez nunca tentaram. E você, não pensa em voar um dia? Em que você trabalha?

– Eu, num banco.

– Mas você gosta de tirar fotos. E faz isso muito bem, pelo que eu vi.

– Sim, mas...

– Mas, o quê?

– Seria um pulo muito grande, das finanças para a arte.

– E por que você não voa?

Você viu os condores, ontem. A propósito: mostre-me as fotos que você tirou.

– Ah, sim! Deixe-me procurá-las. A ver... Não, não pode ser! Olha!

O Miguel olhou para o visor da câmera. Lá estavam, enormes, voando, felizes, multicoloridos, um casal de belíssimos pavões...

23/11/09